

OPINIÃO

COLUNA

Um negro em eterno exílio

A longa travessia de Carlos Moore, o ativista e intelectual que denunciou o racismo em Cuba e passou a vida perseguido pelos dois lados da Guerra Fria, até chegar ao Brasil e encontrar um país mergulhado numa crescente tensão racial

ELIANE BRUM | 31 AGO 2015 - 16:00 BRT

Arquivado em: Opinião Cuba Negros América Latina Racismo Grupos sociais América
Delitos ódio Discriminação Preconceitos Problemas sociais Sociedade



Carlos Moore. / ÁLBUM PESSOAL/DIVULGAÇÃO

Aos 22 anos, Carlos Moore já tinha vivido mais do que a maioria das pessoas numa existência inteira. Já tinha conhecido a fome e a violência na pequena cidade cubana onde nasceu, já tinha desejado não ser preto e se esforçado por alisar o cabelo, clarear a pele com produtos arriscados e desachatar o nariz com prendedores, já tinha emigrado para os Estados Unidos e descoberto a luta pelos direitos civis, já tinha se apaixonado por Patrice Lumumba, o célebre líder congolês, e planejado um atentado ao consulado belga em Nova York para vingar-se de seu assassinato, já tinha se encantado com a revolução depois de um encontro com Fidel Castro, já tinha se tornado comunista e voltado a Cuba para colaborar com o processo revolucionário, já tinha descoberto que o regime cubano era tão racista quanto aquele que tinha derrubado, já tinha sido encarcerado uma vez por denunciar que o racismo persistia na revolução, já tinha sido condenado a quatro meses num campo de trabalhos forçados uma segunda vez pelo mesmo motivo, depois de abordar o próprio Fidel Castro em público, já tinha feito uma confissão, para não ser morto, de que havia se equivocado e de que não havia racismo em Cuba, já tinha se refugiado na embaixada da Guiné quando percebeu que seria executado de qualquer modo, já tinha fugido para o Egito e depois para a França, sem nenhum documento, já tinha sido rejeitado por um Jean-Paul Sartre convencido de que ele era “agente do imperialismo”, já tinha sido acolhido por um dos ideólogos da negritude, o grande poeta surrealista martinicano Aimé Césaire, já tinha

virado segurança do ativista negro Malcolm X, quando este esteve em Paris, e já tinha sofrido de todas as formas pelo seu assassinato. Isso tudo aconteceu até os seus 22 anos. Depois, aconteceu muito mais.

Carlos Moore tem hoje 72 anos. E lança no Brasil a sua autobiografia: *Pichón – minha vida e a revolução cubana (Nandyala)*, publicada aqui graças a um financiamento do público, via crowdfunding, e nos Estados Unidos em 2008, mesmo ano em que Barack Obama tornava-se o primeiro negro eleito presidente da maior potência global. O prefácio é de Maya Angelou (1928-2014), artista e ativista, ela mesma uma lenda, que desempenhou um papel crucial para que o então jovem Moore descobrisse sua identidade e a realidade brutal das mulheres negras.

Para alcançar a trajetória de Carlos Moore, é preciso compreender que, como filho de imigrantes jamaicanos, ele ocupava o degrau mais baixo da escala racial da sociedade cubana. Pior do que um negro cubano, era um negro imigrante das demais ilhas do Caribe. Em seu livro aparecem genocídios de imigrantes negros em Cuba dos quais a maioria jamais ouviu falar. Aos 13 anos, sua mãe já tinha sido estuprada e engravidada pelo padrasto. Com um filho do incesto, ela casou-se com outro imigrante jamaicano. Moore nasceria anos depois, entre vários irmãos. E jamais entendeu por que era rejeitado pela mãe, que o espancava a ponto de deixá-lo de cama por dias, coberto de talhos e hematomas, tendo chegado a desenvolver uma espécie de reação convulsiva. O pequeno Moore fazia buracos no quintal, para tentar escapar dessa mãe. Sua fotografia era a única que não estava pendurada na casa da família.

Um dia a mãe partiu, abandonando a todos. E só muito mais tarde, já adulto, ele descobriria a raiz da violência materna inscrita em surras cotidianas no corpo do filho. A vida de Carlos Moore pode também ser contada por uma longa travessia em busca de uma mãe e de uma identidade.

Anos atrás, depois de sofrer uma embolia pulmonar e flertar com a morte por três semanas, Carlos Moore conta ter resolvido seguir o conselho de seu grande amigo, o escritor americano Alex Haley (1921-1992), autor de A autobiografia de Malcolm X, e escrever suas memórias. Decidiu então mudar-se para o Brasil, onde desde 2000 vive em Salvador, com sua companheira, a gadalupense Ayeola. Do primeiro casamento, tem um filho que vive nos Estados Unidos. No Brasil, acolheu uma menina que morava numa favela e hoje já se tornou adulta e faz doutorado. Tem sete livros publicados, cinco deles traduzidos para o português e lançados no Brasil. Um deles – *Fela, esta vida puta* (Nandyala) – é a impressionante biografia de Fela Kuti (1938-1997), o criador do Afrobeat, com quem ele teve uma amizade profunda. Entre os seus vários exílios, Moore fez dois doutorados na Universidade de Paris VII, o primeiro em Etnologia, o segundo em Ciências Humanas.

Carlos Moore escolheu o Brasil, onde tinha amigos como

Abdias do Nascimento (1914-2011), para se recolher e escrever sua autobiografia com tranquilidade, num país onde era quase desconhecido. Logo percebeu que o Brasil vivia um ponto de inflexão na luta contra o racismo, com as cotas raciais e as demais ações afirmativas. Como fez por toda a vida, engajou-se. Seu livro *Racismo & Sociedade* (Nandyala), lançado em 2012, tornou-se referência e polêmica. Carlos Moore está longe de ser uma unanimidade, dentro e fora do movimento negro, o que não parece preocupá-lo. Tornou-se um dos pensadores negros dedicados a esse tempo histórico muito particular do Brasil, definido por Moore como “o momento em que as máscaras começaram a cair”.

Desde a infância, Carlos Moore queria fugir, uma fuga profunda, com vários sentidos simultâneos. Acabou por passar a vida fugindo de perseguidores de todos os lados do espectro ideológico. Essa fuga interminável parece tê-lo levado a si mesmo, o único lugar de chegada que importa.

A entrevista a seguir foi feita durante seis horas, em dois dias consecutivos da semana passada, durante a estadia de Carlos Moore em São Paulo, para o lançamento de *Pichón*. Nela, ele fala sobre racismo, trajetória, identidade, mulher negra, exílio, assim como sobre as realidades do continente africano e de países como Cuba, Estados Unidos e Brasil. Pelo seu relato desfilam personagens que são ícones da história mundial do século 20, mas que talvez a maioria dos não negros desconheça, porque esta é uma história apagada por aqui –ou jamais contada.

À primeira vista, o que chama atenção neste negro de tantos mundos é a sua leveza, surpreendente em alguém que carrega uma trajetória tão pesada e ainda traz no corpo as cicatrizes das violências que começou a sofrer pela mão da própria mãe. Moore é acolhedor, carinhoso e sorridente, jamais se furta a uma pergunta difícil, e sua força aparece quando discorda do interlocutor e dá uma resposta demolidora. Claramente, como se verá, ele não tem tempo para conversas de salão.

1) O primeiro exílio de um negro: o do ser

Pergunta. Por que o senhor escolheu *Pichón* como título deste livro?

Resposta. O editor americano queria tirar esse título, dizendo que esse não era um título comercial. Eu falei que não mudaria, porque botei esse título para que as pessoas se interrogassem: o que é *pichón*? *Pichón*, na Cuba da minha infância, queria dizer “filhote de urubu”. Só mais tarde, já adulto, eu fui descobrir seu significado mais neutro, que era filhote de alguma ave. Em Cuba era o termo que usavam para nos humilhar. Aqueles negros que vinham do Caribe eram urubus, porque eram pretos e se dizia que roubavam empregos dos cubanos e que comiam carniça. E esta foi a palavra que mais me doeu. Me xingarem de “negro de merda” era normal. Todos os negros eram xingados de “negros de merda” pelos brancos. Mas somente certos negros eram xingados de *pichón*, somente os imigrantes e descendentes do Haiti, Jamaica, Barbados...

Os negros cubanos têm nomes como Gonzalez, Díaz, Hernandez. Agora, um negro com nome Moore já se sabe que ele não é cubano, mesmo que tenha nascido lá, estado lá por 100 anos. Havia um ódio profundo, racista, dentro da sociedade cubana, para com aqueles filhos dos imigrantes, considerados mais primitivos, mais bárbaros, mais africanos. Mais negros. A negrura deles é exponencialmente maior, no sentido negativo. Então, eu falei: “Se esse é o termo que mais me feriu, durante a infância, é o que quero utilizar como título do livro”. Eu não o tiraria por nada.

P. O senhor teve uma vida de exílios. Mas, desde criança, parece que o senhor já se percebe como um exilado, num sentido mais profundo. Um exilado da pele, da língua, dos nomes, já que havia rejeição ao seu nome, por revelar que seus pais eram imigrantes jamaicanos. Como é isso?

R. Todos aqueles que nascem desse lado, que são negros, nascem num grande exílio. Um enorme exílio forçado. E, a partir daí, vêm todos os outros exílios que procedem dele e que criam outros novos lugares de exílio. Eu logo percebi que não tinha conexão com o mundo, fora uma conexão fictícia que o mundo branco me forçava a aceitar, a querer ser como eles. Aí já se criava um corte fundamental, que era o corte comigo. Eu não sabia quem eu era, porque eu queria ser outro. Porque esse outro é que era o bom, o bonito, o que todo mundo queria. Quando era pequeno, eu rejeitei minha mãe rapidamente por causa de toda essa brutalidade dela. E eu criei outra mãe na minha cabeça. Eu não falei disso no livro, mas eu criei uma outra mãe na minha cabeça, que era totalmente branca, que era loira, de olhos azuis, como eu via nas revistas cubanas.

P. Sua mãe era uma mulher brutal, mas, quando o senhor criou uma mãe imaginária, criou uma mãe branca, em vez de uma mãe negra. Isso vem de uma outra brutalidade, né?

“Todos os negros nascem num grande exílio forçado”

R. Sim. Eu me retirava para o fundo do jardim para falar com essa mãe, e ela era carinhosa comigo, sempre sorridente e com uma voz suave, e nós fazíamos tudo juntos. Essa mãe de fantasia me trazia presentes, me trazia uns biscoitos de que eu gostava muito. Eu me colocava na escuridão, à noite, no fundo do pátio, entre dois coqueiros, e essa mãe vinha. Eu tinha uns 7 anos, e ela era real pra mim. Ela sempre me perguntava se eu estava contente. E eu dizia que não, que eu queria fugir, que ela me ajudasse a fugir. Toda minha infância eu passei meu tempo a querer fugir. Fugir foi a coisa mais poderosa da minha infância.

P. Fugir do quê? E para onde?

R. Eu ia andar, andar, andar, andar toda a noite, até chegar ao porto. Lá eu poderia me esconder entre aqueles enormes sacos de açúcar, num daqueles barcos. E esse barco me levaria para aquele país que era mítico pra mim, que era os Estados Unidos. Eu dizia à minha mãe branca: “Me leva, me leva pela mão”. E ela me dizia que não, que não podia. E às vezes eu esperava, e ela não vinha. Eu já estava

totalmente alienado de mim. Queria ser branco, queria somente ter amigos brancos, queria mudar de pele, queria mudar de cabelo, de tudo. Esse foi o primeiro exílio, um exílio ontológico. Normalmente as pessoas sabem o que são, elas são o que são, não se colocam a questão. Mas eu não sabia, eu não queria ser o que eu era e, pelo fato de não querer ser aquilo, não sabia o que eu era.

P. Como é que é não saber o que se é?

R. Você se sente constantemente num estado de falta [a voz de Moore fica instável]. Não tenho a pele correta, não tenho o nariz correto, não tenho os lábios corretos, não tenho o corpo correto, não tenho. Tudo é falta. A única coisa que me salvou durante essa infância foi a minha inteligência [a voz se restabelece]. Porque na escola eu podia não estudar, e nas provas me dava bem, melhor que aqueles meninos brancos que estudavam o tempo todo.

P. E quando o senhor se olhava no espelho, o que enxergava?

R. Eu me via como alguém grotesco, sempre feio. E eu ainda era estrábico. Então as pessoas sempre diziam: “Pichón, pichón, pichón...”. Eu não me olhava no espelho. E, como na minha casa não havia nenhuma foto minha, isso era reforçado. Eu achava que era comigo, eu não tinha ainda essa percepção de que era com todos os negros.

P. Sua mãe negra, concreta, parece ter sido uma pessoa ambígua. Ao mesmo tempo em que ela o espancava constantemente e alisava o seu cabelo, era ela quem enfrentava os brancos e o incentivava a enfrentá-los. Como o senhor lidava com essa ambiguidade?

R. Ela foi a primeira pessoa que me falou da escravidão. A única que me ensinou a resistir, a única que me disse que eu tinha de enfrentar esse mundo. Meu pai era totalmente o contrário, ele buscava somente a aprovação dos brancos. E os brancos falavam que eu era a vergonha do meu pai. Mas da minha mãe tinham medo, os brancos temiam que ela fosse afrontá-los, porque ela fazia escândalos, fosse quem fosse. Os escândalos da minha mãe, nesta pequena cidade, eram maiúsculos. Mas eu só conseguia chegar perto dela aos domingos, quando ela escutava ópera no rádio e chorava. Ficava escutando essa música, remendando as roupas e chorando. Nestes momentos, ela me tocava.

“Minha mãe me espancava e alisava meus cabelos, mas **P.** Hoje, como o senhor olha para essa mãe?

também me ensinou a resistir e a enfrentar os brancos” **R.** Eu olho com a compreensão de que ela foi uma mulher estuprada pelo padrasto aos 13 anos. Meu irmão mais velho é filho de um estupro. Minha mãe

chegou da Jamaica e, em alguns meses, já estava estuprada e grávida. Estou escrevendo um outro livro, chamado “As pegadas do caos”, que fala dessas realidades históricas. Neste livro, meus pais são os protagonistas. Através deles, vou falar da vida de todos os outros. Dessa pobreza imensa, dramática. Do ódio que enfrentaram em Cuba por serem

negros imigrantes de ilhas caribenhas, considerados como bárbaros e primitivos. Pouco antes de ela morrer, eu conversei com minha mãe nos Estados Unidos, em New Jersey, onde ela estava morando. Foi Alex (Haley) que me disse: “Você precisa saber o que aconteceu”. Então fui falar com ela, e depois com o meu pai, que morava no Brooklyn. Foi quando soube por ela que não era filho do meu pai, mas do melhor amigo dele, a quem meu pai tinha confiado a sua família. Isso aconteceu quando meu pai precisou partir em busca de trabalho e passou muito tempo sem voltar. Ela, cheia de filhos, achou que ele tinha morrido. Quando meu pai finalmente retornou, ela estava grávida deste amigo. Era eu. Mas quando eu soube, eu tinha por volta de 40 anos. Depois, conversei com o meu pai. Ele estava sentado, tomando sol. Já estava cego. Ele me disse que minha mãe nunca deveria ter me contado, porque tinham um acordo sobre isso. Mas era uma cidade pequena, e eu passei a vida toda brigando com os outros meninos porque chamavam minha mãe de puta e eu não sabia por quê. Puta, puta, puta. E esses dois homens quase se mataram por causa dessa gravidez. Eu gravei toda a minha conversa com minha mãe e meu pai. Minha mãe me contou as coisas horríveis que passou. Toda a fome que passou. E os meninos vindo um atrás do outro, porque não sabiam como evitar os filhos. Ela sempre grávida. Me dei conta então do horror que tinha sido a vida deles. Eram vidas trágicas.

P. Mas seu pai, de fato, este que criou o senhor, ao contrário da sua mãe, aceitou o senhor por completo como filho, não foi?

R. Eu fui o favorito dele. Até hoje me lembro do odor desses charutos, e eu adoro charuto por causa disso, a única coisa que eu fumo é charuto. Me lembro do perfume que meu pai usava, era um perfume que de vez em quando traziam para ele dos Estados Unidos. Quando conversamos, eu agradei a ele por todo o amor que ele me deu. Disse a ele o quanto o amava. E disse: “Você é meu pai”. O ciclo estava fechado.

2) A mulher negra: a mais esmagada entre os esmagados

P. Essa cisão, entre a mãe branca boa e a mãe negra ruim, impactou na escolha de suas parceiras sexuais, pelo que se pode perceber em sua autobiografia... Como foi isso?

R. Sim, porque essa transferência se faz para aquelas mulheres brancas que eu vou conhecer, que têm esse fenótipo e que correspondem a essa visão do que para mim é bonito. Tudo o que eu tinha que ser era bom na cama com elas. Não era uma relação, no sentido da intimidade de explorar profundamente o outro. Era uma performance. Eram relações sexuais ficcionalizadas. Cada encontro com uma mulher branca era como na novela. Eram mulheres que não conheciam nada sobre as questões raciais, só queriam bom sexo, um negro na cama que alimentava os fantasmas delas sobre o macho negro. E elas alimentavam os fantasmas que eu tinha. E estes fantasmas estavam ligados a essa outra visão, que poderia ser inclusive

incestuosa, já que essas mulheres correspondiam àquela mulher mítica criada na minha infância. Que era boa comigo, que me trazia presentes. Então, o sexo era um grande presente. A relação profunda só começou a existir quando eu passo a conhecer mulheres negras, conscientes de quem são, que estavam se debatendo com o problema da identidade e que me forçaram a me debater com o problema da minha identidade. Aí foi onde começou o outro combate.

P. A história da sua mãe levou o senhor à história da mulher negra?

R. Sim. Eu comecei a compreender a história da mulher negra a partir de Maya Angelou e de todas as escritoras negras que se tornariam grandes, mas que na minha adolescência, em Nova York, eram as mulheres com quem eu passei a conviver, sem me dar conta da importância delas. Eu tenho uma dívida com as mulheres negras que é impagável, por terem me levado à compreensão de quem eu era. Assim, eu tenho o dever de participar dessa luta para que a mulher negra recupere a dignidade diante dessa sociedade, dignidade que lhe foi retirada brutalmente há 400 anos.

“O racismo já determinou que brancas são para casar, mulatas para fornicar e pretas para trabalhar”

P. Qual é o papel de um homem negro diante da indignidade sofrida pela mulher negra?

R. Há uma situação de profunda solidão da mulher negra. A mulher negra é rejeitada

universalmente, é pisoteada. Para ser um negro consciente, um ser humano consciente, um homem negro tem que olhar para esse aspecto. Não pode seguir como cúmplice desse esmagamento histórico da mulher negra. A mulher negra é o ser humano mais esmagado de todas as categorias de pessoas marginalizadas no mundo. E não se pode ignorar isso. É por isso que Obama fez algo extraordinário, ao levar essa mulher negra, de pele negra, à Casa Branca, como sua esposa, como mãe das suas filhas, quando, na realidade, a sociedade não programou isso. A sociedade programou para que alguém desse nível, desse sucesso, levasse automaticamente uma loira para a Casa Branca. Ele rompe um tabu e se transforma não somente no primeiro presidente negro, mas também no homem negro que devolve à mulher negra o sentido de autoestima e de respeito que essa mulher deve ter, em primeiro lugar. O sistema racista já inviabilizou a relação entre o homem negro e a mulher negra desde os tempos da escravidão. O racismo já determinou que brancas são para casar, mulatas para fornicar e pretas para trabalhar. Há quatro séculos que isso é lei. Então, quando um homem negro, como eu, compreende o que tudo isso quer dizer, ele começa a ter outro olhar para a mulher negra. Começa a buscar o diálogo com essa mulher, em lugar de pisoteá-la, em lugar de reproduzir toda a história de esmagamento. É um diálogo muito difícil, porque, durante quatro séculos, o homem negro e a mulher negra não tiveram uma situação que permitisse esse diálogo. Para derrubar o racismo é

indispensável que o homem negro e a mulher negra tenham essa conversa.

3) A Cuba de Fidel: um regime que reproduziu o racismo

P. Por que o senhor decidiu escrever essa autobiografia?

R. Em 1996, eu passei por uma embolia pulmonar e fiquei três semanas entre a vida e a morte, num hospital de Trinidad e Tobago, onde trabalhava como professor universitário de Relações Internacionais. Pensei que, se eu morresse, tudo aquilo que eu precisava falar sobre a minha experiência com a revolução cubana se perderia. As pessoas têm uma visão de que foi uma revolução generosa, correta com todo mundo. E foi a pior repressão contra os homossexuais, contra os negros. Então eu pensei que, se eu sobrevivesse, sairia da universidade e iria para um lugar em que ninguém me conhecesse como militante, para escrever esse livro. Escolhi Salvador, na Bahia. A Bahia, para mim, é como se fosse um país. A culinária, a música, o candomblé... Queria um lugar onde eu pudesse viver tranquilamente e terminar essa obra.

P. Que buraco se abre na sua vida quando o senhor descobre que a revolução cubana está reproduzindo o racismo?

R. Foi um choque. Eu tinha uma necessidade ontológica de que brancos e negros pudessem juntos mudar a sociedade. Quando eu descobro que estão todos mentindo, e estão destruindo as organizações negras, destruindo o candomblé, destruindo tudo o que é negro, porque eles não querem conviver com essas diferenças, porque querem criar um negro novo, um negro submisso, um negro comunista, foi um grande choque. O que eles estavam propondo era um negro sem cor, um cubano sem cor. Mas eu queria minha identidade, eu não queria me diminuir e ser sem cor. Havia esse discurso de que éramos todos cubanos, só que a cor cubana continuava a ser a branca, já que só havia um negro em posição de comando, entre todos, que era manipulado por Fidel, como eu já tinha presenciado nos Estados Unidos. Aí eu disse “não”. Mas foi um choque grande chegar à conclusão de que esses dirigentes brancos não tinham a menor intenção de conviver com gente como eu. Nem posso descrever aquilo que Fidel Castro era para mim. Ele simbolizava a revolução, e a revolução era para mim como uma mãe substituta. Era aquela coisa que eu podia me entregar e amar e ser amado por ela. Ser aceito e amado por ela. Aceito como eu era. E que ela nunca mais ia me rejeitar. E então a encontro e ela me rejeita, como eu sou. E é por isso que eu cometo essas loucuras que eu vou cometer, porque estou convencido de que Fidel Castro não é parte disso. Que aqueles eram os mesmos brancos racistas de sempre, mas que eles não eram a revolução. Quando descobri que Fidel era aquele que estava à frente disso, aí caí em pedaços... Tudo isso aconteceu comigo quando eu não tinha nem 20 anos.

P. O senhor fez uma confissão, negando o racismo em Cuba, para escapar de mais uma prisão ou coisa pior. Como

o senhor se sente com relação a isso?

R. Muitas vezes eu tenho me perguntado porque eu não aceitei ser fuzilado em lugar de confessar o que eles queriam que eu confessasse. Muitas vezes eu tenho me perguntado isso. E eu não tenho nenhuma resposta além daquela que eu tinha. Chegou um momento em que eu sabia que a morte estava ali e de que, para evitá-la, eu somente tinha que mentir. E esse foi o momento em que eu disse a mim mesmo: “Eu vou mentir”. Porque aqueles que estão me pedindo para mentir são mentirosos. Então eu estou traindo absolutamente nada. Eu nunca coloquei o nome de ninguém, nunca impliquei ninguém. Impliquei a mim, dizendo: “Fui eu”. Assumi toda a responsabilidade. O regime cubano pode exibir esse documento em qualquer momento e ele só mostrará que Carlos Moore disse que ele fez sozinho.

P. O senhor voltou a Cuba anos atrás para uma visita, reencontrou seus irmãos e conheceu sua família por parte do pai biológico. Como o senhor vê Cuba hoje?

“O racismo se reforçou em todos os espaços na Cuba de hoje”

R. A Cuba de hoje é muito mais complexa do que quando eu estava denunciando o racismo naqueles tempos. O fato de negar a existência do racismo fez com que o racismo ocupasse todos os espaços. Então o racismo se reforçou em Cuba. Ele não se expressa da mesma maneira que ele se expressava antes da revolução, na segregação racial, nos lugares públicos. Mas a segregação racial hoje é tão forte quanto aqui no Brasil. No poder político, econômico, coisas tão simples como o conteúdo da televisão. É muito forte. A única grande diferença que há na Cuba de hoje é que existe um número expressivo de negros que pertencem a uma classe média que estudou. Meus próprios irmãos, por exemplo, são todos profissionais. Para sobreviver, a revolução teve que profissionalizar os negros cubanos.

P. E essa não é uma mudança importante?

R. É uma mudança importante, porque vai entrar em colisão violenta com a Cuba que agora está surgindo com Raul Castro, que é essa Cuba capitalista, tipo chinesa. Porque essa é uma Cuba que exclui totalmente os negros profissionais e não profissionais. E aí vai haver uma colisão, porque existe agora uma massa de negros que pensam, que analisam, que compreendem a situação deles. O regime cubano vai ter que lidar com um problema enorme. Da mesma maneira que o Brasil, hoje, cada vez mais, está lidando com um problema cada vez mais forte, que é o reforço dessa classe média negra que está cada vez mais consciente sobre a sua situação.

P. E como o senhor vê Fidel Castro, esse homem que acabou tendo uma importância grande também na sua vida?

R. Fidel fez algo muito importante para Cuba, a revolução foi importante. Apesar de todas as coisas que têm acontecido, eu nunca teria preferido uma Cuba sem

revolução. A revolução era necessária, em Cuba, e se converteu naquilo que se converteu. A revolução morreu, foi destruída, foi assassinada, mas o tempo em que a revolução existiu, como esperança que uniu realmente esse povo, que permitiu aos negros sonharem com uma sociedade nova e que permitiu a muitos brancos sonharem com uma sociedade em que essas diferenças raciais e esse conflito racial poderiam ser vencidos, esse foi um momento importante. Todas as reformas mais estruturais que a revolução fez, como saúde e educação, também foram importantes. O fato de que Fidel Castro foi um dirigente que teve a coragem de desafiar os Estados Unidos também foi importante. Agora, essa militarização exigida pela resistência contra os Estados Unidos converteu a sociedade cubana em uma Esparta, destruindo todos os espaços de expressão civil, que não voltaram mais.

“Os povos colocam a revolução em movimento, e logo aqueles que manipulam os aparelhos de controle a assassinaam”

P. O senhor faz uma diferença entre a revolução e o regime. Qual é?

R. A revolução é uma esperança coletiva. O ser humano está constantemente buscando ampliar os parâmetros de liberdade na existência dele, e a revolução é esse momento. Houve uma revolução russa? Houve. Ela morreu? Morreu. Houve uma revolução na China? Houve. Ela morreu? Morreu. Foi assassinada? Sim. Os povos colocam a revolução em movimento, e logo aqueles que manipulam os aparelhos de controle a assassinaam. Então é sempre esse vai e vem. Esse conflito, essa contradição.

4) Encontros com Malcolm X e Aimé Césaire, desencontro com Sartre

P. O senhor viveu uma experiência muito particular, a de viver num mundo polarizado, que era o mundo da Guerra Fria, e ser suspeito nos dois lados, perseguido nos dois lados, sem lugar em nenhum lado. Como é essa experiência de encarnar um não lugar, no sentido mais profundo?

R. Havia gente que me acusava de ser agente do imperialismo, de um lado, outros me acusavam de ser agente do comunismo, do outro lado. Ao mesmo tempo. Me senti completamente injustiçado. Até o ponto em que eu não podia resistir mais. Você não consegue provar nada. Quanto mais você tenta provar alguma coisa, mais eles dizem que você está camuflando a verdade. Me dei conta de que, para aqueles que se dizem de esquerda, ou para aqueles que se dizem de direita, não importa a verdade. Para eles a verdade é algo relativo. Você tem um adversário, então você o elimina da maneira mais eficaz. E essa maneira mais eficaz é com calúnias. Mas essas mentiras destroem o ser humano que é o alvo desses ataques. Houve momentos em que eu senti que não poderia aguentar mais. Me lembro de pelo menos três momentos da minha vida em que eu seriamente contemplei a possibilidade de abolir a minha vida.

P. Poderia descrever um desses momentos?

R. Na última vez, falei com a minha atual companheira, Ayeola. Eu sentei com ela num jardim, em Guadalupe, e falei: “Eu não posso continuar mais, e nem consigo explicar a você a dor que estou sentindo”. Ela olhou para mim e disse: “Tá bem. Então faça. Eu vou compreender. Se você está sentindo tanta dor a ponto de querer abolir a sua existência, você deve fazê-lo”. Essa foi a coisa mais maravilhosa que alguém poderia ter feito por mim. Eu me senti livre, liberado, realmente livre. Essa autorização, da mulher que me amava, fez com que algo se quebrasse a partir daí. Eu comecei a viver tranquilo sabendo que, a qualquer momento, eu poderia tirar a minha vida. Passaram-se os meses, os anos... E isso me ajudou a lidar com essa situação de cerco permanente.

P. No lançamento do seu livro, na Livraria da Vila, em São Paulo, o senhor disse que a pessoa que mais o marcou foi Aimé Césaire. Por quê?

R. Porque era um homem de uma tranquilidade extraordinária em meio a todos os conflitos. Ele pertenceu ao Partido Comunista e saiu, por uma questão ética, a invasão da Hungria, e passou a ser atacado violentamente. E foi atacado também pelos grupos de direita, porque estava sempre pregando uma espécie de socialismo da negritude, para Martinica e para outros países negros. Ele me impressionou muito com o discurso sobre a questão colonial, especialmente aquela parte fantástica que me abriu janelas, quando ele disse: “Vocês estão condenando Hitler por quê? Isso é mentira. Como vocês podem condenar Hitler, quando vocês fizeram tráfico de escravos, quando vocês colonizaram toda a África? Trabalhos forçados, genocídios... Vocês não podem dizer nada contra Hitler. Hitler são vocês”. E ele falou também: “A única coisa que vocês podem dizer sobre Hitler é que doeu porque ele matou brancos! Ah... isso sim vocês podem dizer! Mas vocês não dizem que o único crime para vocês é que ele aplicou a brancos, durante um tempo curto, aquilo que vocês reservam aos negros desde séculos”. Isso me impressionou muitíssimo. Foi uma explosão na minha cabeça.

P. E como foi o seu “não” encontro com Sartre?

R. Quando eu chego a Paris, procuro Aimé Césaire e finalmente eu o vejo, e ele me escuta sobre o que está acontecendo em Cuba. E, ao final, ele afirma: “Eu não quero acreditar em tudo o que você me disse, não quero acreditar. Mas acredito”. E aí ele me disse que eu precisava ver várias pessoas, entre elas Sartre. Um jovem escritor, amigo íntimo de Sartre, arranja esse encontro, em um café. Eu vi Sartre lá, com os amigos dele, enquanto esse amigo comum vai dizer a ele que estou ali para conversar. Imediatamente, Sartre começa a gesticular e a dizer com a cabeça que não. Esse escritor voltou, então, até onde eu estava: “Sartre disse que não vai te receber, porque não fala com agentes do imperialismo”. Simone de Beauvoir e Sartre são gente que eu amo, são pessoas que liberaram mentes. Sartre foi aquele que abraçou a negritude, que escreveu um texto lindíssimo que se chama “Orfeu Negro”, onde ele explica

aos intelectuais brancos, de esquerda e liberais, o que é a negritude. Coisas luminosas. Esse Sartre era fundamental na minha vida. Então, para mim, foi uma traição. Como se alguém me apunhalasse. Ele teve essa reação de conquistador, de não querer me ouvir. Foi muito duro. Mas ele foi fundamental na minha vida, no meu desenvolvimento como ser humano. Assim como Simone de Beauvoir. Tenho muito amor por esses dois... muito amor.

“Para os que se dizem de direita ou de esquerda, não importa a verdade. Se você tem um adversário, você o elimina da forma mais eficaz: com calúnias”

P. Qual foi a sua experiência com Malcolm X?

R. Quando eu o conheci, como líder nos Estados Unidos, eu não tinha amizade com ele. A amizade veio nesses momentos dramáticos em que ele estava caminhando para a morte.

Naquele momento, ele estava com essa obsessão de rapidamente poder ajudar a insurreição no Congo. Eu tinha pouco mais de 20 anos e pensei que a única coisa que eu podia fazer era dar todo o meu apoio a Malcolm para que ele pudesse reunir os voluntários. Passei então a ajudar no recrutamento dessas pessoas. No período em que ele passou na França eu tive que dormir com ele no hotel. Ou seja, ele dormia e eu ficava desperto. Logo que ele acordava, eu dormia algumas horas. Ele se ocupava dos assuntos dele e logo buscávamos o lugar onde ele tomava café da manhã, porque ele tinha medo de ser envenenado no hotel. Eram os últimos momentos de Malcolm, e ele sabia. Ele me disse que só tinha horas ou dias, que estava indo para a morte. E constantemente ele estava me dizendo: “Você tem que prestar atenção ao que eu estou lhe dizendo, porque é a última vez que eu vou poder falar assim”. Então ele começou a me falar sobre tudo: sobre a mulher, sobre a vida, sobre a revolução, sobre como organizar os grupos na clandestinidade... Ele era um homem muito generoso. Não era uma pessoa efusiva, não era uma pessoa de abraços, era um homem muito contido. Mas tudo passava através dos olhos dele, de como ele sorria. E era uma grande paciência. Eu podia falar durante meia hora e ele não ia me interromper nunca. Ele ficava lá, atento a tudo o que eu ou outra pessoa estava dizendo. As pessoas têm essa visão de Malcolm somente como aquele grande agitador e tudo, mas Malcolm era um homem muito tranquilo, muito generoso, muito carinhoso...

P. E como o senhor recebeu a notícia do assassinato dele?

R. Quando eu soube da morte dele fazia frio, em Paris, e eu saí andando por horas. Esse foi um dos momentos mais difíceis pra mim. Eu tinha 22 anos. No assassinato de Patrice Lumumba, eu só queria vingança. Eu amei Lumumba sem jamais tê-lo visto, o amei pelas coisas que ele dizia. Havia uma fragilidade em Lumumba. Ele era um homem magro, alto, mas quando ele falava que criaria uma nação na qual os negros podiam ser respeitados, que todos os negros, de qualquer parte do mundo, poderiam ir ao Congo, foi uma revelação pra mim, aos 18 anos. Já com Malcolm era um sentimento de impotência total, porque eu

tinha convivido com ele e o amava. Me lembro de um momento em que eu estava apresentando a ele recrutas para o Congo e uma das mulheres que prestaria ajuda como enfermeira o interrompeu. Eu me zanguei: “Não interrompa o brother Malcolm”. Malcolm parou, me olhou, botou a mão no bolso, sacou uma moeda de um dólar e disse: “Brother Carlos, o que tem do outro lado dessa moeda?”. Eu disse que não sabia. E o Malcolm falou: “Ok, nunca mais interrompa uma mulher, porque as mulheres sempre veem o outro lado da moeda”. Eu nunca me esqueci disso.

5) O Brasil, a maioria negra e a crescente tensão racial

P. O senhor pesquisou o racismo em vários países, em quatro continentes. O que é o racismo, no seu ponto de vista?

R. O racismo não é uma simples tecedura de preconceitos aberrantes, nem uma confabulação ideológica descartável, tampouco uma realidade oportunista surgida há pouco, e muito menos uma “doença”. Se trata de uma estrutura de origem histórica, que desempenha funções benéficas para um grupo, que por meio dele constrói e mantém o poder hegemônico com relação ao restante da sociedade. Esse grupo instrumentaliza o racismo através das instituições e organiza, por meio do imaginário social, uma teia de práticas de exclusão. Desse modo, preserva e amplia os privilégios sociais, o poder político e a supremacia total adquiridos historicamente e transferidos de geração a geração. Em uma sociedade já multirracial e mestiçada, ele serviria para preservar o monopólio sobre os recursos, para o segmento racial dominante. Seria um sistema total que se articula desde o início mediante três instâncias operativas entrelaçadas, porém distintas: 1) as estruturas políticas, econômicas e jurídicas de comando da sociedade; 2) o imaginário social total, que controla a ordem simbólica; e 3) os códigos de comportamento que regem a vida interpessoal dos indivíduos que fazem parte dessa comunidade. Assim, não é possível atacar o racismo em apenas um lugar, porque nada vai se modificar. Hoje em dia, o racismo atingiu tal grau de sofisticação que nega a si mesmo e pretende não existir. Negar a existência do racismo, transformá-lo em um tabu social, tratá-lo como “aberração” ou reduzi-lo à “discriminação” e ao “preconceito” é a melhor forma de encobri-lo e protegê-lo enquanto estrutura sistêmica. Por isso, sempre que o ser humano o nega ou simplifica, está automaticamente em “cumplicidade sistêmica” com ele.

P. E como o senhor vê o racismo no Brasil atual?

R. Brancos e negros estão travando aqui uma luta terrível. E os brancos nem sabem que estão dentro dessa luta. Alguns sabem e pretendem que a luta não existe. Mas só uma minoria, muito pequena, está consciente dessa luta e sabe que é uma luta. A maioria nem quer saber.

P. Há alguma peculiaridade no racismo do Brasil?

R. Não estou buscando nenhum lugar idílico, isso não existe pra mim. O que estou dizendo no meu livro *Racismo & Sociedade* é que temos de olhar para o racismo a partir dos modelos. O racismo aqui no Brasil corresponde a um modelo específico, e esse modelo veio da Península Ibérica. É o modelo de uma escravidão já naturalizada, onde os negros crescem dentro da escravidão, os negros se sabem escravos. Onde há um sistema clientelista, de onde há uma série de gradação de cores. Esta é uma escravidão que tem mil anos de ossificação. Nela, o subalterno dentro do sistema aceita a sua atividade, vê isso como normal. Nesse modelo, o racismo é o leite que amamenta o negro todos os dias.

P. Um racismo naturalizado?

R. Sim. Então todo mundo quer essa limpeza do ventre, da barriga. As mulheres negras buscam constantemente que seus filhos saiam da escravidão.

E qual é a única saída? É que

eles sejam pardos, que eles sejam mulatos. Uma situação de trânsito sexual entre o homem branco e a mulher negra. Porque aqui, quando você fala de miscigenação, fala de uma maneira geral, fala sem dizer que aquele que está miscigenando é o homem branco. Não é o homem negro que está miscigenando a raça branca, mas o homem branco que está miscigenando a raça negra. Quando chegam os espanhóis e os portugueses é o que primeiro eles fazem com as nativas e com as africanas. A mulher branca vem depois, com o sistema já estabilizado. Então, esse é um modelo muito mais difícil, porque tudo está naturalizado, tudo é normatizado. As coisas fluem, o sangue está fluindo no interior do sistema de uma maneira normal.

P. Parece que algo forte está acontecendo no Brasil nesse momento, no que se refere ao racismo, mesmo que muitos brancos não enxerguem ou não queiram enxergar. O quanto isso está relacionado à primeira geração de negros que chegou à universidade pelas cotas raciais?

R. É por isso que há tanto pânico. Eu cheguei aqui num momento em que o pânico começou a desencadear-se. O movimento negro fez um trabalho colossal neste país. E que chegou a interferir dentro dos partidos. Depois, quando vi esses negros entrando na universidade, levando com eles o candomblé, as favelas, os quilombos... A universidade ficou em estado de choque. Era um corpo estranho que tinha entrado lá, e eu me dei conta disso. Eles não viam a entrada de estudantes, eles viam a entrada de soldados estrangeiros. Viam esses estudantes como uma invasão da universidade. E eu me dei conta de que esse espaço sacrossanto, branco, tinha sido dessacralizado. Diante disso, começou uma reação tão forte, contrária, que continuou ascendendo até os nossos dias. Se complexificando, se tornando todo o tipo de oposição, com máscara política. Pela primeira vez os brancos nesse país ouviram falar que os negros eram majoritários. A população branca parece viver isso como um estupro. A raça negra é um falo e a sociedade branca é

“No Brasil, o racismo é o leite que amamenta o negro todos os dias”

uma enorme vagina. Há uma tensão constante. Essa penetração nas universidades foi vista, simbolicamente, como algo muito, muito, muito profundo. E aí, imediatamente, a repulsa foi geral, dentro da sociedade branca. Com as cotas raciais e as demais ações afirmativas foram liberadas forças que ninguém conhecia. Percebi que havia um potencial real de mudança agindo dentro da sociedade. É nesse ponto que começo a ver, a sentir, que este país tem possibilidade de mudar esse quadro. As máscaras começaram a cair. E o Brasil é um país de máscaras, tantas máscaras...

“A penetração dos negros nas universidades, pelas cotas raciais, foi vivida pela sociedade branca como um estupro” **P.** É importante as máscaras caírem?

R. É importantíssimo. A sociedade americana tem essa possibilidade tão grande de discutir e de avançar nessa questão tão difícil, que é a

questão racial, porque as máscaras aí são arrancadas com a maior facilidade. Já são várias gerações discutindo abertamente a questão racial. Aqui, não. Lá, quando se mata oito, nove negros numa igreja, se diz claramente que foram mortos porque são negros. Ponto final. Aqui, se queimam um índio, queimaram ele por alguma outra razão. Matam o negro e é a mesma coisa. Mas as máscaras estão caindo.

P. O mito da democracia racial é uma máscara que cai?

R. Ao quebrar o mito da democracia racial, o movimento negro quebrou a ideologia sobre a qual se sustenta esse país. Esse país tem se apresentado diante do mundo inteiro como o único país onde tudo está acontecendo bem entre brancos e negros. E os negros fora desse país acreditavam. Todo mundo falava do Brasil como um milagre, até que os negros daqui, em décadas de combate, finalmente quebraram o mito da democracia racial. Para recolocá-la aqui é impossível. Terão de inventar algo novo.

6) Os brancos e a negociação do poder

P. O que vai acontecer depois que as máscaras terminarem de cair?

R. Eu não sei o que vai vir.... Porque esses são momentos em que pode acontecer o melhor ou o pior.

P. E o que seria o melhor e o que seria o pior?

R. O melhor seria uma discussão dentro desse país, em que se discuta claramente quais são os problemas. Em que cada um diga o que tem dentro. Em que cada um diga o que tem a propor. Em que cada um diga qual a relação dele com esse país. A relação racial se sobrepõe a todas as outras considerações: de sexo, de gênero, de nacionalidade, de

“Ao quebrar o mito da democracia racial, o movimento negro quebrou a ideologia sobre a qual se sustenta esse país”

religião... Estamos chegando a um momento em que essas coisas estão sendo ditas. Algumas pessoas já se dão conta de que este é um país de maioria negra e isso funda um pânico existencial enorme, dentro dessa parte da população branca, na qual a mística da questão racial está enraizada, como na África do Sul. Eu vi essa mesma reação na África do Sul, quando começou a se falar em transferência de poder. A minoria branca nunca ouviu falar dela como minoria, ela nem se percebia como minoria. No Brasil dos últimos 15 anos, a consciência de que os brancos são minoria, num país que é majoritariamente negro, está crescendo. Surge então um pânico existencial, que está delineado por uma consideração racial.

P. O senhor acha que há no Brasil um Apartheid, com a diferença de que não está na Lei?

R. Aqui o Apartheid apenas não é jurídico. Mas está em todas as partes, em todos os lugares de poder e de decisão. Somente não há leis porque, dentro do modelo ibérico, o Apartheid é um Apartheid de consentimento. Os negros sabem onde estão os espaços dos brancos. Os brancos sabem onde estão os espaços negros. E até onde os negros devem ir. Todo mundo sabe qual é o seu lugar, e o lugar do branco é sempre dominante. Mas, agora, pela primeira vez na história desse país, a hora do questionamento chegou.

“A descoberta de que os negros são maioria no Brasil gerou um pânico existencial na parcela branca da sociedade”

P. O senhor disse que o melhor que poderia acontecer seria uma discussão aberta, onde as coisas são colocadas com os nomes das coisas. E o que de pior pode acontecer?

R. O pior é o que já aconteceu na Alemanha. O racismo é fascismo. O racismo é nazismo. Só que nós estamos acostumados a pensar no nazismo como campos de extermínio. Mas o nazismo não é campo de extermínio, este é apenas um momento extremo dele. O extermínio simbólico e físico, sem os campos, está acontecendo todos os dias. E esse nazismo cotidiano, nazismo de todos os dias, é aceito. Porque a sociedade branca dominante está vendo como uma resposta à agressão dos negros, que estão chegando cada vez mais perto daquilo que eles não devem ter, que é o poder. Já existe a ideia, dentro da nação, de que tarde ou cedo os brancos vão ter que negociar aqui o poder político e econômico, como negociaram na África do Sul. Tarde ou cedo isso vai acontecer. Nos próximos 15 anos, com certeza, a maioria negra vai ter que estar refletida em todas as instâncias do poder político. Nunca o branco desse país pensou em termos de negociação racial. Com quem iria negociar? E por quê? Agora, pela primeira vez, essa ideia está entrando, simbolicamente, porque existe uma contestação negra. Às vezes é só um protesto por algo que está acontecendo na televisão, em que os negros dizem: “Não queremos isso”. E que os brancos dizem: “Que direito ele têm de dizer o que querem ou não querem? É simplesmente televisão...”. Mas os negros dizem que não querem esse tipo de lazer. Aí os brancos dizem que é

fascismo dos negros. Isso demonstra que há um momento de confronto óbvio. Visual. Os estrangeiros veem isso mais facilmente do que os brasileiros. Eles chegam aqui e veem que a tensão é cada vez maior. O Brasil de hoje não é mais o Brasil de 15 anos atrás.

P. O senhor fala que não gosta do conceito de tolerância. Por quê?

R. A palavra tolerância veicula rejeição. E veicula imposição de todo um modo que é determinado por aquele que diz tolerar. Vou tolerar, mas o modo bom é o meu. Para mim, o

importante é o comércio com o diferente. Essa espiritualidade, que nada tem a ver com religião, que é sentir a conexão com todos os outros que eu não conheço. Eu quero conhecer e ter uma relação com o diferente, como diferente. Quero poder formar parte do mundo dele também. Na medida em que eu possa. E querer ele também no meu mundo. Na medida em que ele também possa. É muito arrogante falar isso de tolerar. Quando alguém diz aqui no Brasil que tolera os negros, que não tem nada contra os negros, você já sabe que é um racista falando. É hora de quebrar essas máscaras. Diga então, francamente que você não gosta dos negros, que você acredita que são sujos, que são fedorentos, que são perigosos, que tem que cortá-los e castrá-los, também intelectualmente. Os negros são uma ameaça para o mundo ocidental, especialmente para o Brasil. O Brasil se elege como parte do mundo ocidental. Os brancos desse país se consideram representantes tropicais do mundo ocidental. Então, as reações deles são as reações do mundo ocidental. E o mundo ocidental se considera hoje invadido por negros e por árabes. Na Alemanha nazista, os judeus foram convertidos em negros. E cada vez que você converte um grupo branco em negro, você tem que subir o espaço do grupo branco para outro nível, por isso Hitler mudou para ariano. Agora, estão convertendo os árabes em negros, então eles têm que mudar a dimensão branca para ainda outra dimensão, supra branca. Porque os árabes são brancos nos países deles. E os brancos aqui no Brasil consideram que estão sendo invadidos pelos negros.

P. Como esse processo de “mais branco” estaria ocorrendo no Brasil?

R. Agora está havendo um problema aqui no Brasil. Na medida em que os negros que têm pele clara começam a dizer que são negros, já começa a ficar perto demais. Então, os brancos têm que mudar de categoria. É como a (cantora) Fabiana Cozza (uma das amigas que hospedou Moore em São Paulo) dizendo que é negra, e que quer ser reconhecida em sua negritude. Ao dizer isso, ela está subvertendo o sistema. E isso está acontecendo cada vez mais. Só que esse sistema foi criado exatamente para o oposto. Para que cada vez que um negro tivesse a pele mais clara, ele reforçasse o sistema da branquidão nesse país. Estamos vendo agora um

“Nos próximos 15 anos, a maioria negra vai ter que estar refletida em todas as instâncias de poder”

deslocamento da categoria branca para um nível superior de barbárie. É isso que estamos vendo nesse instante: um deslocamento da branquidão nesse país. Porque o negro está chegando perto demais. O esquema raciológico brasileiro está se quebrando e criando angústias dentro dessa sociedade branca. Essas angústias estão se expressado através de muitas coisas.

P. Qual deve ser o papel de um branco no Brasil de hoje, no que se refere ao racismo?

R. O Brasil é um lugar bem particular, no sentido das relações raciais. Particular não pelas razões que os brancos dizem, falando que as coisas acontecem de uma maneira diferente do resto do mundo. Não. Aqui, as coisas acontecem como acontecem em todos os outros lugares do mundo. A opressão do negro é brutal, é severa, é terrível. O negro tem sido confinado aqui aos piores lugares, no imaginário, no espaço físico, em todos os espaços. Mas o Brasil ocupa um lugar bem particular no sentido de que este é o lugar onde os negros são maioria. E isso quer dizer que os brancos não vão mudar de país. Os brancos da África do Sul não mudaram de país. Eles tiveram que compor. E os brancos do Brasil vão ter que compor com a maioria negra daqui. Porque é uma maioria negra que é cada vez mais maioria. E esse processo não pode mais ser revertido, porque não há mais possibilidade de imigração branca para esse país. Acabou toda a possibilidade de imigração europeia vindo para cá. Então, brancos e negros estão aqui numa competição demográfica, e os brancos já perderam. Os negros chegaram de novo a ser maioria nesse país. Como eram maioria ao final da escravidão. Depois da abolição, os brancos lidaram com essa realidade importando milhões de europeus. Davam todas as vantagens e privilégios a esses europeus, para que se assentassem aqui e, ao mesmo tempo, expulsaram os negros de todos os espaços da vida civil, esperando que eles morressem. Porque o plano era esse, era eugênico. E os brancos pobres iam mestiçando as mulheres negras, chegando a uma população de pele clara e de pele branca e de maioria branca de novo. Agora, essa maioria negra, que vai ser cada vez mais maioria, está cada vez mais consciente de sua negritude, de seus direitos, e consciente do fato que eles têm que governar esse país. Tarde ou cedo, haverá que se negociar.

“Os brancos vão ter que negociar o poder no Brasil, como aconteceu na África do Sul. Não há mais como ‘branquear’ o país”

P. E em que bases se dará essa negociação?

R. É uma negociação em torno de que tipo de país queremos. É uma conversa profunda. Não é simplesmente aquela conversa sobre o capitalismo. É saindo de uma conversa do capitalismo, do socialismo, que era aquela polarização que tínhamos até agora, baseada no “queremos o comunismo ou queremos o capitalismo”. Agora, não. A conversa é que tipo de país nós queremos. Agora é que essa conversa começou realmente no Brasil. Que tipo de país vai nos permitir viver de uma maneira correta, aqui, com todos

os recursos naturais que temos. Acho que este é um país que reúne muitas condições para se chegar a um diálogo. E só se chega a esse diálogo através de um confronto em que as máscaras caíam e os negros digam o que querem desse país.

P. E qual seria o papel ético de um branco nesse momento?

R. Essa situação já está impactando nas consciências de brancos que estão começando a se dar conta de que esse mundo no qual eles estão vivendo não é aquele mundo no qual eles pensavam que viviam. Estão vivendo, de fato, num mundo que é um horror para a maioria da população. Então, nessas circunstâncias, vai haver forçadamente uma convergência entre dois tipos de consciências: uma consciência surgida das exigências éticas, de uma parte da população branca, que se encontra em contradição com ela própria, como indivíduo, e outra parte que não tem essa exigência ética. Ter uma visão de si mesmo é parte do ser humano. Quando certos brancos se descobrem formando parte de um bando de opressores, para estes é um grande problema. Mas, para muitos, isso não vai ter muita importância, porque os privilégios são tão grandes, que não é um problema. Eu tenho visto esse problema tornar-se cada vez maior para brancos desse país que se encontram em contradição ética consigo mesmos. Então, eu acho que essa situação vai crescer. Se eu não tivesse visto esse processo acontecer em outros lugares, eu não poderia me manifestar com a confiança que estou me manifestando agora. Eu não vou dizer que os brancos vão mudar, digo que certos brancos vão mudar. E que eles vão constituir uma reserva moral importante nesse país.

“Para uma parcela dos brancos, descobrir-se opressor é um grande problema. Esses brancos éticos serão uma reserva moral importante”

7) As duas Áfricas: a mítica e a real

P. Há essa dimensão mítica da África como origem. Mas, quando se fala em África, são várias as Áfricas. Qual foi o seu encontro – ou o seu confronto – ao andar por tantas delas?

R. Quando eu saio de Cuba, eu vou para o Egito, mas aí eu não encontro a África, eu encontro o mundo árabe. Vivo um ano no Egito, dentro do mundo árabe. Eu vou para a África real quando eu vou à Nigéria, pela primeira vez. E aí me encontro com uma África terrível. Uma África de dirigentes totalmente cínicos, corruptos, mercenários, assassinos. É um choque muito grande. Porque até então minha lógica era a de confronto com o mundo branco. E ali era o confronto com o mundo branco, ainda, mas através daquela coisa do (Frantz) Fanon: “Pele negra, máscaras brancas”. Essas classes dirigentes totalmente ocidentalizadas que estão oprimindo o povo. Resolvo esse conflito me unindo à África da resistência. Se eu não tivesse abraçado imediatamente a causa popular na África, eu teria me sentido totalmente destruído. Teria me tornado um cínico total.

P. Que papel ocupou essa África mítica na resistência dos

negros ao longo da história?

R. Tivemos que inventar uma África mítica para resistir durante 400 anos. Não foi fácil atravessar 400 anos sem nenhuma referência positiva sobre você, sobre a raça negra. Tivemos que inventar uma África para servir de apoio moral e espiritual. Uma África que nos dissesse, que nos informasse constantemente que éramos seres humanos, vivendo 400 anos em um sistema que diz que você não é humano. Em que o branco é o único que é referência do que é humano, do que é belo, do que é bom, do que é justo, do que é limpo, e você... é somente sujeira. Quem resiste a isso? Então tivemos que inventar uma África que mantivemos em segredo, como as religiões. As religiões também tiveram esse papel de nos dar essas referências, de que não éramos sujeira... lixo.

P. E a África real?

R. Hoje, precisamos dizer: “Necessitamos desse mundo mítico. Mas, agora, olha para o mundo real. A África de hoje é essa. Onde os povos estão sendo trucidados por esses canalhas. Milionários, mercenários e totalmente vendidos ao exterior.

E as guerras civis são por causa disso”. Então, havia que fazer as duas coisas: abraçar a África mítica para desmitificar essa África cruel. Ter forças para chegar até aqui, para então ter forças para confrontar a realidade de hoje. Hoje eu me sinto muito confortável. Eu vou para a África todo tempo, mas eu sei qual é o meu lugar. Eu não vou lá confraternizar com as elites africanas. As elites africanas são elites inimigas. Eu vou lá para fazer algo bem preciso. Sei onde está a linha de demarcação.

“Inventamos uma África mítica para resistir por 400 anos num sistema que dizia que não éramos humanos”

8) Conclusões do exílio: onde o humano é real

P. Quando lemos sua autobiografia, parece que são tantas vidas numa só. Nas últimas páginas do livro, o senhor escreve: “foi uma história quase inverossímil”. E, são tantos acontecimentos e tantas pessoas envolvidas, que podemos ter, mesmo, essa impressão. Por que os leitores devem acreditar na história que o senhor conta?

R. Não, eles não devem acreditar. Em primeiro lugar, eu não tento convencer. O livro foi escrito simplesmente porque eu fui levado a escrever esse livro, por alguém que me disse: “Você tem que contar isso que aconteceu”. E eu comecei a contar o que aconteceu. Isso aconteceu comigo. E se o governo cubano tem provas de que isso não aconteceu, que eles deem. E se outras pessoas têm provas de que isso não aconteceu, que deem as provas. Agora, que eu saiba, essa foi a experiência que eu tive. Isso foi o que aconteceu, com a minha mãe, com o meu pai, eu cresci desse modo, me revoltei desse modo, fui para os Estados Unidos e um dia uma mulher veio e mudou toda a minha vida. E foi assim, eu conto... estou contando. Eu poderia ter mudado minha história muitas vezes. O regime cubano me deu muitas possibilidades de entrar. Meu irmão foi para a União

Soviética, se converteu em engenheiro, voltou pra Cuba, entrou no Partido Comunista. Todos os meus irmãos e irmãs estão dentro do sistema. Eu optei por uma vida de resistência, porque era o que eu sentia. E isso deu no que deu.

P. E quando o senhor olha para essa vida tão imensa, o que vê?

R. Eu não mudaria minha vida. Quando você está sentindo a pressão e a dor, você quer que essa pressão e essa dor cessem. Mas as oportunidades que eu tinha de fazê-las cessar não eram dignas. Então, eu me negava a tomar essas vias. Mas tive mil oportunidades de ser um dedo duro, de satisfazer a Inteligência Francesa, que estava me interrogando todo o tempo. Fui expulso de vários países, mas poderia ter me acomodado. Eu poderia ter mudado minha história muitíssimas vezes. Mas você não está fazendo uma história. Está vivendo uma vida.

P. E qual é a diferença?

R. A vida é todo dia e é uma vida de opções. Agora mesmo eu tenho opções diante de mim. Eu posso me calar aqui no Brasil. O mais prudente é que eu me cale aqui no Brasil. Porque podem me botar para fora do Brasil em 24 horas. Denuncio o racismo aqui há 15 anos e posso ser acusado de estar interferindo na vida dos brasileiros. É uma opção. Eu poderia optar por não fazer isso. Por simplesmente viver tranquilo no Brasil. Em nenhum momento a polícia veio na minha casa para me dizer o que fazer ou não fazer. Em nenhum momento o governo brasileiro interferiu na vida da minha família. Então, por que eu vou denunciar, me meter em uma situação na qual eu coloco a minha própria paz em risco? Mas minha opção é a de me manter fiel a essa vida que eu tenho até agora. Porque é a única coisa que me dá paz. Se eu faço qualquer outra coisa, eu não estou em paz.

P. O senhor se sente exilado, hoje?

R. Eu me sentirei exilado sempre. O exílio já cessou de ser para mim algo burocrático. Algumas pessoas cubanas dizem: “Ele não é exilado porque ele pode voltar para Cuba”. Eu volto para Cuba condicionalmente. Eles me dizem que eu não posso viver lá, residir lá. Mas essa é uma questão burocrática. E amanhã eles podem mudá-la também. Mas não vai mudar a maneira como eu me sinto. Eu faço parte de uma tribo de humanos que não se sente bem com nenhum desses sistemas. Que não se dá bem com esse tipo de mundo no qual estamos vivendo. Não me dou bem com esse Brasil que estou vendo aí. E amanhã saio do Brasil e vou para Trinidad e Tobago, vou para o Senegal, vou para a África do Sul, e não me dou bem com a situação desses países. Não me dou bem em Uganda, não me dou bem em nenhum desses lugares. Então eu sinto que o meu lugar é um lugar de viver com o meu tempo. E o meu tempo é o de afirmar certas coisas que deveriam ser evidentes, mas que não são evidentes. Afirmar que há possibilidades de que seja de outra maneira. Meu tempo é um tempo de dizer “não”. De resistir.

P. O senhor afirmou que o mais importante é viver de acordo com o seu tempo. O que isso significa, hoje?

R. Minha esperança se funda no possível. Eu acho que é possível o homem e a mulher chegarem a uma compreensão de que a opressão que o homem tem criado é totalmente negativa. Eu não acho que o masculinismo, o machismo e o sexismo sejam algo que não possa ser extirpado da nossa experiência humana. Eu acho que é possível que negros e brancos possam se ver de outra maneira. Eu acho que é possível parar as guerras, essas guerras sem sentido. Não estou dizendo que eu tenho uma solução, isso é diferente. Mas eu acho que é possível se sobrepor a todos os conflitos, que são conflitos religiosos, em torno das coisas que nós criamos, porque os deuses foram criados por nós, totalmente criados por nós. Não é o tempo de me filiar a uma facção ou outra facção. O meu tempo é o tempo das possibilidades.

P. O senhor disse que, na sua infância, não sabia quem era. Hoje, o senhor sabe?

R. Perfeitamente.

P. E quem é o senhor?

R. Eu sou um negro, que nasceu em Cuba, mas que superou sua “cubanidade”. Cuba não é uma referência para mim. É a referência de onde eu nasci, de onde está enterrada toda a minha infância, toda aquela coisa que me formou, mas Cuba não é o lugar que forma meu ser, minha identidade. Minha identidade atravessa fronteiras, atravessa muitas culturas, é algo muito mais elástico. Eu me sinto muito bem onde quer que eu esteja. Eu me reinvento onde eu estou morando, fundo uma família de amigos. Então, eu não vivo com essa angústia que vivem os cubanos que estão fora, de voltar para Cuba. Estou no Brasil, vivo o momento do Brasil, vivo os problemas do Brasil. E, quando eu for embora do Brasil, farei exatamente a mesma coisa. Me envolvi na luta política lá na Nigéria, no Senegal também. Em qualquer lugar que eu vou, eu me envolvo nas lutas daquele momento. Eu não quero estar envolvido numa nostalgia permanente. Os cubanos vivem com uma nostalgia de Cuba, querendo só escutar música cubana, comer comida cubana... A referência da minha vida é muito maior que Cuba, muito maior que o Brasil, muito maior que qualquer país. Não há um só país que possa concentrar a referência do que é a minha vida, do que é a minha identidade.

P. E o que referencia a sua identidade?

R. Aquilo que me faz sentir bem, como eu disse anteriormente, é estar de acordo com o meu tempo. Então, tudo aquilo que perturba aquele tempo, imediatamente suscita reações profundas em mim. É por isso que não preciso de definições. As pessoas dizem: “Mas você é de esquerda? Você é de direita?”. Constantemente estão querendo que eu me defina em termos de direita e de esquerda. Essas distinções eu conhecia antes, eu me definia assim. Mas onde é que está a linha de marcação entre esquerda e direita? Nós vemos às vezes os juristas se

comportarem como os esquerdistas, na questão racial. E os esquerdistas se comportarem como os direitistas, quando se trata da questão racial. Eu encontro esquerdistas que são homofóbicos. Encontro direitistas que são homofóbicos. Esquerdistas e direitistas encontram-se em tantos pontos. O que estou dizendo é que a coisa mais importante para mim é a linha de divisão ética, certas coisas na minha vida que eu considero invioláveis.

P. Que são?

R. Essa coisa da diferença. Eu bato nessa tecla constantemente. Porque, para mim, é o mais importante. A partir do momento em que a diferença não é respeitada, eu tenho que entrar em guerra. Por isso eu entro em guerra com a mestiçagem. Porque ela está dizendo que eu não tenho o direito de ter o fenótipo que eu tenho, de ter os cabelos crespos que eu tenho e de ser respeitado como sou. Que eu tenho que ter os cabelos diferentes, alisados, que não tenho que ter a pele negra, que meus filhos têm que ser cada vez mais brancos para serem respeitados dentro da sociedade. Eu digo não. Eu digo absolutamente não. Eu não me rendo a isso. Meus filhos têm que ser respeitados conforme eles nascem, com a pele negra, com os cabelos crespos, com os lábios grossos, com os narizes que eles têm. Eles têm que ser respeitados desse jeito. Então, essa é a linha de demarcação mais fina na minha vida. É ela que define praticamente todas as escolhas que eu faço.

P. O respeito à diferença?

R. Absolutamente. O fato de ter sido proscrito de Cuba por 34 anos me fez compreender que a nacionalidade é um jogo, é uma brincadeira. Que as fronteiras são coisas totalmente artificiais, que foram erigidas e convertidas em realidades sacrossantas. E que essas fronteiras não eram nada, porque cada fronteira em que eu ia me paravam, eu era suspeito. Eu ingressei numa tribo de suspeitos. Me dei conta de que toda essa força emocional de ser brasileiro, ser americano, ser cubano era um mito que os seres humanos tinham erigido como maneira de se mobilizar contra outros seres humanos. Eu viajava com um documento das Nações Unidas, passava muito tempo em cada fronteira, esperando que pudessem reconhecer que era autêntico. Isso me dava muito tempo para refletir sobre a condição humana. Ao longo dos anos, aquelas categorias de definição de separação foram caindo, uma por uma. Religião, nacionalidade, casta, classe social... À medida em que foram caindo, eu tive que buscar qual era o substituto real. Não o substituto ideológico, mas onde se encontrava a verdade do ser humano, seja qual for. Onde um ser humano é real? Cheguei a esse ponto no qual estou, no qual eu me identifico e me sinto bem. Acho que eu me encontrei. Eu gosto de quem eu sou. E acho que me encontrei na vida, me encontrei no universo, no sentido mais amplo. Me encontrei naquele espaço no qual eu me dou bem, que é esse espaço em que eu posso olhar para todas as diferenças, todas, e não me sentir ameaçado por elas. Eu não me sinto ameaçado por nenhuma diferença.

P. E onde um ser humano é real?

R. Pertencemos a uma espécie e não há consciência dessa espécie. Temos a consciência de definições ideológicas, mas a consciência da espécie não existe. Ser humano implica uma certa solidariedade e, para mim, a solidariedade é um dever. De mirar o outro que está sendo esmagado, que está sendo excluído, que está sendo discriminado, e se colocar ao lado dele. Em nome dessa espécie. Somos todos partes dessa espécie, que está ameaçada, inclusive, por causa de tudo o que faz. Quando ouço o Obama falar que o problema principal que nós temos não é o terrorismo, mas a mudança climática, aí ele toca algo em mim que eu alcancei a duras penas, depois de 34 anos de rejeições em todos os sentidos. Temos que ser solidários entre nós, temos que chegar a um acordo. Para defender a existência aqui, sobre a Terra. Se vamos continuar existindo é finalmente a coisa mais importante. A coisa mais importante de todas é essa: sentir solidariedade por gente que você nunca vai conhecer, por pessoas que ainda vão vir e você não vai encontrar. E eles têm que encontrar uma Terra habitável.

Eliane Brum é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção Coluna Prestes - o Averso da Lenda, A Vida Que Ninguém vê, O Olho da Rua, A Menina Quebrada, Meus Desacontecimentos, e do romance Uma Duas. Site: desacontecimentos.com Email: elianebrum.coluna@gmail.com Twitter: [@brumelianebrum](https://twitter.com/brumelianebrum)